

# PODER EM BYUNG-CHUL HAN: DE FOUCAULT À PSICOPOLÍTICA À SOCIEDADE DO CANSAÇO

Miguel José Garcia Martins de Oliveira<sup>1</sup>  
Roger Fernandes Campato<sup>2</sup>

## Resumo

A obra do filósofo sul-coreano Byung-chul Han tem como um expressivo marco a concepção de que vivemos uma *sociedade do cansaço* cuja característica é o esgotamento físico e psíquico dos indivíduos. Longe de ser um efeito fortuito ou natural, o filósofo identifica um conjunto de mecanismos que nos sujeitam e internalizam em nós a busca por um desempenho pessoal e profissional nunca realizáveis e que desembocam nesse inevitável esgotamento individual. Herdando a discussão sobre *poder* de Michel Foucault – um poder que se apresenta em diferentes escalas e formas, e criador de subjetividades – Han vai desenvolver a sua concepção de *psicopolítica* como um desses mecanismos que agem sobre nós com a aparente promessa de liberdade mas que, em seus efeitos, revela uma nova e sofisticada forma de poder sobre os corpos e sobre as mentes.

**Palavras-chave:** Byung-chul Han; Michel Foucault; Poder; Psicopolítica; Sociedade do Cansaço.

## Abstract

The work of the South Korean philosopher Byung-chul Han has as an expressive landmark the conception that we live in a *burnout society* whose characteristic is the physical and mental exhaustion of individuals. Far from being a fortuitous or natural effect, the philosopher identifies a set of mechanisms that subject us and internalize in us the search for personal and professional performance that can never be achieved and that lead to this inevitable individual exhaustion. Inheriting Michel Foucault's discussion of power - a power that presents itself in different scales and forms, and creator of subjectivities - Han will develop his conception of psychopolitics as one of those mechanisms that act on us with the apparent promise of freedom but that, in its effects, it reveals a new and sophisticated form of power over bodies and minds.

**Keywords:** Byung-chul Han; Michel Foucault; Power; Psychopolitics; Burnout Society.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Licenciado em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e Graduado em Geografia pela USP.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professor adjunto do Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



## Introdução

Byung-chul Han (1959- ) é um autor contemporâneo nascido em Seul, Coreia do Sul, e que vem se dedicando a entender aspectos da conformação social e dos processos de subjetivação na sociedade neoliberal em que vivemos. Apesar de nascido na Coreia, a sua formação acadêmica acontece fundamentalmente na Alemanha, onde se gradua em filosofia e também em literatura e teologia e, em 1994, torna-se doutor pela Universidade de Friburgo dissertando sobre Martin Heidegger. Desde 2012 Han leciona na Universidade de Artes de Berlim.

Esse pequeno recorte biográfico sobre o autor intenta demonstrar como que, apesar de carregar uma herança cultural e religiosa de sua origem sul-coreana, Han também estabelece um diálogo com diferentes autores da tradição ocidental, dos quais podemos destacar: Heidegger, Marx, Nietzsche, Freud, Adorno e, de especial interesse para os fins deste artigo, Michel Foucault. Desta forma, Han olha para a sociedade neoliberal contemporânea e, a partir dos diálogos com esses autores, propõe a sua própria leitura de contornos filosóficos, sociológicos e antropológicos. Disto resulta uma prolífera produção bibliográfica – além de outras tantas obras inéditas aqui, já são mais de 15 livros traduzidos para o Português – que vem ganhando um expressivo alcance não apenas no interior da Filosofia, mas, também, como divulgador para leigos interessados pela disciplina. E entre as suas obras, aquela que talvez tenha tido maior impacto e divulgação é *Sociedade do Cansaço* (2017b), livro em que Han percebe que o *cansaço* é uma condição cada vez mais comum e produz uma série de enfermidades (esgotamento, ansiedade, depressão, *burnout* etc.) que caracterizam os desafios psicológicos de nossa época<sup>3</sup>:

Cada época possui suas enfermidades fundamentais. Desse modo, temos uma época bacteriológica, que chegou ao fim com a descoberta dos antibióticos. [...]. Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas

---

<sup>3</sup> A versão original de *Sociedade do Cansaço* foi publicada pela primeira vez em 2010. Em 2018, a Organização Mundial da Saúde incluiu o *burnout* como uma doença própria em sua 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID-11) (OMS, 2018).



neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. (Ibid. pp. 7-8).

A partir da constatação do *cansaço* como uma nova patologia social, Han vai nessa obra discutir as causas e efeitos dessa “enfermidade fundamental de nossa época” (Ibid.).

O objetivo deste artigo, então, não é esgotar toda a discussão e causas para o *cansaço* explorado por Han, mas aprofundar uma das muitas causas apresentadas pelo autor: a chamada *psicopolítica* que supostamente vigora em nosso tempo e as novas conformações de poder que se estabelecem a partir dela e que sujeitam os indivíduos à aceitação voluntária dos novos mecanismos de auto exploração:

Doenças psíquicas, como depressão ou *burnout* são expressões de uma profunda crise da liberdade: são sintomas patológicos de que hoje ela se transforma muitas vezes em coerção. O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um *servo absoluto*, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. (HAN, 2020, P. 10)

Para buscar contemplar os objetivos aqui propostos, o artigo será dividido em três momentos fundamentais: o primeiro momento é um resgate da ideia de poder que o autor herda de Michel Foucault<sup>4</sup>, especialmente a partir das obras *Vigiar e Punir* (2014); os escritos, palestras e entrevistas reunidas em *Microfísica do Poder* (2021); e o primeiro volume de *História da Sexualidade* (1999). O momento seguinte é como Han busca superar a noção foucaulteana sobre o poder e como essa nova conformação leva ao que ele chama de uma *Psicopolítica*. E o terceiro momento, por fim, é a relação estabelecida entre as novas formas de poder e o *cansaço* identificado pelo autor, especialmente a partir de sua obra *Sociedade do Cansaço* (2017b).

A proposta metodológica deste artigo é buscar a passagem do conceito de *poder* entre Foucault e Han e como isso desemboca na *sociedade do cansaço* por meio de um

---

<sup>4</sup> A ideia aqui não é fazer uma crítica sobre a leitura de Foucault por Han problematizando as contradições ou limites da mesma, mas, antes, tentar estabelecer uma genealogia do conceito de poder do autor sul-coreano a partir de sua interpretação sobre o autor francês.



levantamento bibliográfico dos autores e alguns de seus comentadores. Dessa forma, pretende-se articular esses diferentes textos em uma narrativa única que aponte para a genealogia e desdobramentos dos conceitos propostos.

## Discussão

### Poder em Foucault

A ideia de *poder* em Byung-chul Han é herdeira, em grande medida, de como Michel Foucault pensou esse conceito – como o próprio filósofo sul-coreano já explicitou em diversos momentos. Sem querer esgotar toda a complexidade envolvida no pensamento e obra do filósofo francês, este momento do artigo irá apontar para alguns pontos centrais da discussão sobre *poder* e que dialogam diretamente com o que Han irá, posteriormente, abordar sobre a questão.

O ponto inicial, então, a ser destacado é sobre a natureza do *poder*. A novidade proposta por Foucault é de que *poder* não é uma coisa, uma substância e, por isso, ele não é uma propriedade que pode ser adquirida, mantida, transmitida etc. Antes, como aponta Lynch (in: TAYLOR, 2018, p. 26.), ele é *onipresente* e “pode ser encontrado em todas as interações sociais”. Sobre isso, Taylor (Ibidem., p. 12.), acrescenta que:

[...] Foucault concebe o poder moderno como uma rede de relações inconstantes e em mudança dentre e entre indivíduos, grupos, instituições e estruturas consiste em relações sociais, políticas, econômicas e, [...], até mesmo pessoais (inclusive relações conosco mesmos).

Tal novidade sobre a ideia de *poder* será uma ruptura com as concepções anteriores produzidas na filosofia do direito ou na filosofia política que localizavam o poder como uma propriedade do Estado, da Igreja, das classes sociais dominantes etc. Foucault não irá excluir a possibilidade de relações de *poder* a partir dessas instituições, mas irá ampliar sua abrangência:



Não tenho forma alguma a intenção de diminuir a importância e eficácia do poder de Estado. Creio simplesmente que de tanto se insistir em seu papel, e em seu papel exclusivo, corre-se o risco de não se dar conta de todos os mecanismos e efeitos de poder que não passam diretamente pelo aparelho de Estado, que muitas vezes o sustentam, o reproduzem, elevam sua eficácia ao máximo. (FOUCAULT, 2021, p. 255)

Se ele não pertence a um grupo ou a uma instituição, ele está muito mais difuso:

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém. Mas se sabe quem não o possui. (Ibidem., p. 138)

Outro aspecto fundamental da concepção foucaultiana sobre o assunto é que o *poder* não mais deve ser identificado apenas em seu aspecto repressivo e negativo, mas, como algo inerente a todas as relações sociais, ele possui também um caráter positivo e gerador de saberes (FOUCAULT, 2014, pp. 44-45):

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Além de produzir *saberes*, o aspecto positivo do *poder* é a produção de *subjetividades* – aspecto muito importante para a posterior concepção de Byun-chul Han sobre o assunto – como nos indica May (in: TAYLOR, 2014, p. 104):

[...] o que Foucault oferece com *Vigiar e Punir*, e outras das suas análises históricas, é o que pode ser chamado de uma visão positiva, e não negativa, do poder. Segundo esta visão, o poder funciona não pela restrição, mas pela criação. O poder não estabelece um limite à nossa liberdade; ele nos faz ser certos tipos de pessoas. Ele o faz em dois níveis. No primeiro, treina nossos corpos para serem orientados para tipos específicos de comportamento. No segundo, e talvez mais



importante, ele nos faz pensar em nós mesmos de determinadas maneiras.

Ou, nas palavras do próprio autor (FOUCAULT, 2021, p. 215):

Mas quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana. O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, de seu exercício no corpo social, e não sobre o corpo social.

Para exemplificar, então, as diversas formas como o *poder* é exercido e revelado na modernidade, Foucault vai nos apresentar duas formas de sua expressão: o *poder disciplinar* e o *biopoder*, especialmente a partir de suas obras *Vigiar e Punir* (2014) e *História da Sexualidade: a vontade de saber* (1999).

O *poder disciplinar*, como apresentado pelo autor, é uma nova forma de poder que gradativamente substitui uma forma anterior: o *poder soberano*. Antes, cabia ao soberano a decisão sobre a morte ou vida de seus súditos e, além disso, os desvios contra a figura soberana eram penalizados com a exposição pública do suplício dos corpos daqueles desviantes. Porém, em meados do século XIX, os suplícios começam a desaparecer para dar lugar a essa nova forma de poder que vai se impor a partir de uma outra lógica (FOUCAULT, 2014).

O que vai então caracterizar esse *poder disciplinar* é o empenho em controlar, analisar, diferenciar e “adestrar” os corpos dos indivíduos para torna-los dóceis e produtivos. Foucault (Ibidem.) usa como exemplo a *escola*, o *hospital* e o *quartel* como instituições disciplinadoras que operam essa forma de poder de forma a internalizar nos sujeitos a pretendida docilidade e produtividade, diminuindo, portanto, a resistência contra esse sujeitamento.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou se dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. [...]. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa,



analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. [...]. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e a sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame. (Ibid. , p. 167.).

Posteriormente em sua obra, Foucault vai nos apresentar uma outra forma de poder que vai coexistir com o *poder disciplinar*, porém atuando de um lugar diferente, com mecanismos e finalidades diferentes. Trata-se do *biopoder*.

Se o *poder soberano* era caracterizado, entre outras coisas, pela competência do soberano de decidir pela morte de seus súditos, o *biopoder* se volta, inversamente, à decisão sobre a manutenção da vida: “a velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida”. (FOUCAULT, 1999, p. 131.). Com isso, o Estado passa a atuar por meio de instrumentos de regulação da saúde, higiene, natalidade etc. de forma a controlar a *vida* em si da população. O limite máximo a esse poder, então, seria a própria morte, “o ponto mais secreto da existência, o mais ‘privado’”. (Ibidem, 1999, p. 130)..

Já em relação às diferenças entre o *poder disciplinar* e o *biopoder*, Taylor (2018) identifica que Foucault localiza o primeiro a partir das instituições – como os exemplos citados: a escola, o hospital e o quartel – enquanto o segundo funciona principalmente através do Estado, ainda que este também esteja envolvido em muitas instituições. Taylor (Ibidem, p. 64) ainda acrescenta que:

Uma maneira de conceitualizar o ponto desta passagem [do poder disciplinar para o biopoder] é dizer que a disciplina é a microtecnologia e a biopolítica é a macrotecnologia do mesmo poder sobre a vida.

Disso decorre que uma mudança na escala do poder: se o *poder disciplinar* era aplicado sobre indivíduos que, agora dóceis e produtivos, posteriormente, iriam compor um todo, uma massa; o *biopoder* irá partir justamente do controle sobre a massa para, finalmente, atingir o indivíduo.



Dialogando com essas concepções apresentadas sobre o *poder* foucaulteano, Byung-Chul Han vai, então, apresentar aquilo que ele herda do autor francês e aquilo que ele pretende atualizar ou recontextualizar.

## **Psicopolítica e poder em Han**

É inequívoca a influência da obra de Foucault para as concepções de *psicopolítica* e *poder* em Han. Esse diálogo é, por vezes, explicitado pelo próprio autor sul-coreano como no segundo capítulo da *Sociedade do Cansaço* (2017b) cujo título (“Além da sociedade disciplinar”) já remete diretamente ao autor francês, mas também é percebido em outros momentos de sua obra como apontam, por exemplo, Amaral (2019), Baloi (2020) e Sindique (2021). Estes identificam em ambos os filósofos a ideia de que o *poder* não é uma propriedade de determinados indivíduos, mas, antes, um *conjunto de relações* estabelecido entre os sujeitos ou entre instituições e sujeitos, como visto anteriormente. Han parece incorporar essa concepção em sua obra, admitindo também – e de fundamental importância para o seu trabalho – que tais relações de poder conformam corpos e subjetividades.

Ao resgatar o conceito e as práticas de poder apresentadas por Foucault, Han não pretende negá-los, mas, antes, atualizá-los para uma nova conformação percebida na atual sociedade neoliberal:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. (HAN, 2017b, p. 23)

Segundo Han (Ibid. P. 24), uma diferença fundamental entre o *poder* de outrora apontado por Foucault e o que vivenciamos hoje é o que ele entende por *negatividade* ou





*positividade* que ele produz – um entendimento diferente do que propõe o próprio Foucault. Para o autor,

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais na negatividade. [...]. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entra projeto, iniciativa e motivação. (Ibid.)

Ou seja, os sujeitos não mais sentem o poder na forma de coerção, de obrigação. Antes, experimentam a dominação como liberdade, experimentam a vontade de outrem como própria vontade. Trata-se de um mecanismo próprio da sociedade neoliberal que transfere ao indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso e o torna aparentemente livre em suas escolhas, sem revelar as armadilhas inerentes a esse projeto:

O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o chamado de um outro. Ao contrário, ele ouve a si mesmo. Assim, ele se desvincula da negatividade das ordens de outro. Mas essa liberdade do outro não só lhe proporciona emancipação e libertação. A dialética misteriosa da liberdade transforma essa liberdade em novas coações. (Ibid. P. 83)

Ou, ainda,

O apelo à motivação, à iniciativa e ao projeto é muito mais efetivo para a exploração do que o chicote ou as ordens. Como empreendedor de si mesmo, o sujeito de desempenho é livre, na medida em que não está submisso a outras pessoas que lhe dão ordens e o exploram; mas realmente livre ele não é, pois ele extrapola a si mesmo e quicá por decisão pessoal. (HAN, 2017a, p. 21)

Trata-se de um “poder silencioso” que não se revela como tal e que confunde a vontade do dominado com a vontade do dominador – e, por isso, a sua eficácia: nessa



confusão de vontades e liberdade, não há resistências ao projeto do dominador (HAN, 2019). Reside aí uma diferença fundamental entre Han e Foucault, como apontado por Sindique (2021) ou bem descrito por Baloi (2020, p. 169):

Considerando o poder nessa perspectiva, Han, se diferencia de Foucault, uma vez que este acredita que, onde há poder, há também forças de resistência. Ao contrário, Han atesta que é possível que exista poder sem que encontre resistência, porém, teria que ocorrer com uma continuidade ilimitada, posto que, um poder sem resistência denota uma estabilidade que se alcançou por certo domínio.

Segundo Sindique (2021), cada manifestação de poder é fruto de um momento histórico, e Foucault e Han estão revelando as formas de exploração em diferentes momentos do capitalismo. Enquanto o poder foucaulteano refletia a dominação própria do capitalismo industrial, a proposta de Han é a de uma interpretação do poder sob o neoliberalismo, e por isso as diferenças em suas práticas, saberes e manifestações. Com isso, a *biopolítica* passa a dar lugar à *psicopolítica* (HAN, 2020).

Por *psicopolítica*, Han entende como uma nova forma de gestão do poder que não mais apenas disciplina os corpos e o controle da vida de populações inteiras – como eram, respectivamente, os conceitos de *poder disciplinar* e *biopolítica* de Foucault –, mas passa, agora, a atuar também na *psique* dos indivíduos (Ibid.). E, como vem se afirmando, esses indivíduos se sujeitam à exploração a partir de uma pretensa liberdade e ilusão de escolha:

Hoje, acreditamos que não somos sujeitos submissos, mas projetos livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. A passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento da liberdade. E esse mesmo projeto já não se mostra tanto como uma figura de coerção, mas sim como uma forma mais eficiente de subjetivação e sujeição. O “eu” como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização. (Ibid. p. 9).

Um dos pilares da *psicopolítica* de Han são as noções de *desempenho*, *eficiência* e semelhantes (HAN, 2017b). Trata-se de despertar nos indivíduos a cultura de que eles devem estar sempre produzindo e em um ritmo cada vez mais intenso:



A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o *inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. [...]. O sujeito de desempenho é mais rápido e produtivo que o sujeito da obediência. (Ibid. P. 25)

E para garantir a efetivação de tal forma de poder, novos mecanismos e saberes passam a ser mobilizados na criação de um discurso que legitima e sujeita os indivíduos para essa lógica da produtividade voluntária:

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornado objeto da exploração. (HAN, 2020, P. 45)

Tem-se, então, o cenário formado para o esgotamento físico e psíquico dos indivíduos que são submetidos à lógica da produtividade constante e crescente:

O sujeito de desempenho concorre consigo mesmo e, sob uma coação destrutiva, se vê forçado a superar constantemente a si próprio. Essa autocoação, que se apresenta como liberdade, acaba sendo fatal para ele. O burnout é o resultado da concorrência absoluta. (HAN, 2017b., pp. 99-100)

## **Psicopolítica e Sociedade do Cansaço**



Uma nova forma de poder e exploração que atua a partir da *psique* dos indivíduos não poderia passar incólume em nossas vidas. A busca voluntária por um constante aumento do desempenho e eficiência para uma produtividade que nunca chega a seu termo, cria a armadilha do cansaço, esgotamento e *síndrome de burnout* apontados por Han em *Sociedade do Cansaço* (2017b, pp. 85-86):

O sentimento de ter alcançado uma meta não é “evitado” *deliberadamente*. Ao contrário, o sentimento de ter alcançado uma meta definitiva jamais se instaura. Não é que o sujeito narcisista não queira chegar a alcançar a meta. Ao contrário, não é capaz de chegar à conclusão. A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de *burnout* (esgotamento). O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem.

Tal cansaço não é fortuito, mas consequência de um sentimento de não-realização que nos força a produzir cada vez mais e que nos força ao estado de superprodução inclusive nos momentos que antes eram reservados para a não-produção e ao não-trabalho:

Hoje em dia o tempo de celebração desapareceu totalmente em prol do tempo do trabalho, que acabou se tornando totalitário. A própria pausa se conserva implícita no tempo de trabalho. Ela serve apenas para nos recuperar do trabalho, para poder continuar funcionando. (Ibid. P. 113)

Mesmo o *sono* ganha outra qualidade sob a exploração da *psicopolítica*:

O imperativo neoliberal do desempenho transforma o tempo em tempo de trabalho. Ele totaliza o tempo de trabalho. A pausa é apenas uma *fase* do tempo de trabalho. Hoje não temos nenhum outro tempo senão o tempo de trabalho. Assim, não trazemos apenas para as [nossas] férias, mas também para o [nosso] sono. Por isso dormimos inquietos hoje. Os sujeitos do desempenho esgotados adormecem do mesmo modo com que uma perna adormece. Também o relaxamento não é mais do que uma modalidade do trabalho na medida em que ele serve para a



regeneração da força de trabalho. A recuperação não o outro do trabalho, mas sim o seu *produto*. Também o assim chamado desaceleramento não pode gerar um outro tempo. Ele é, igualmente, uma consequência um reflexo do tempo de trabalho acelerado. Ele apenas *diminui a velocidade* do tempo de trabalho, em vez de transformá-lo em um *outro tempo*. (HAN, 2013, p. 64)

*Smartphones, tablets, laptops* e afins tornam-se os símbolos e instrumentos dessa invasão de todas as dimensões da vida pela lógica do desempenho. Trabalho, casa e lazer deixam de ser ambientes distintos e passam a se confundir cada vez mais a partir da hiperconexão e facilidade de comunicação propiciada por esses aparelhos:

Hoje somos, de fato, livres das máquinas da época industrial, que nos escravizavam, nos exploravam, mas os aparatos digitais produzem uma nova coação, uma nova exploração. Eles nos exploram ainda mais eficientemente na medida em que eles, por causa de sua mobilidade, transformam todo lugar em um local de trabalho e todo o tempo em tempo de trabalho. A liberdade da mobilidade se inverte na coação fatal de ter de trabalhar em todo lugar. Na era das máquinas, o trabalho, simplesmente por causa da imobilidade das máquinas, era delimitável em relação ao não trabalho. O local de trabalho ao qual era preciso se dirigir por conta própria, se deixava separar claramente dos espaços de não trabalho. Hoje essa delimitação é completamente suprimida em algumas profissões. O aparato digital torna o próprio trabalho móvel. Todos carregam o trabalho consigo como um depósito de trabalho. Assim não podemos mais escapar do trabalho. (HAN, 2013, pp. 64-65)

Como a exploração e coação tornam-se *autoexploração* e *autocoação* nesse novo modelo de poder, as possibilidades de resistência tornam-se mais difíceis. Ao adentrar no campo da *psique*, a *psicopolítica* interioriza nos sujeitos a responsabilidade pelo sucesso de seu *projeto*. Indivíduos confundem, então, o que é um projeto do neoliberalismo com os seus projetos de vida pessoais.

O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador um empreendedor. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje, cada um é um trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa. Cada um é um senhor e servo em uma única pessoa. A luta de classes também se transforma em uma luta interior consigo mesmo. (HAN, 2020, p. 14).



Com isso, o fracasso da realização desse projeto é transferido como culpa para o próprio sujeito que não conseguiu realizar-se enquanto indivíduo. A revolta contra tal mecanismo dá lugar, então, à depressão:

Quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso. [...]. Já no regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos. (HAN, 2020, p. 16)

Depressão e diferentes manifestações de esgotamento psíquico (ansiedade, *síndrome de burnout* etc.) tornam-se reflexo dos limites da *psicopolítica* como instrumento de dominação e conformação dos sujeitos para a sociedade neoliberal que cada vez mais espera deles, mas que não explicita seu projeto:

A impossibilidade de desculpa e expiação é responsável também pela depressão do sujeito do desempenho. Junto com a síndrome de Burnout, a depressão representa um fracasso sem salvação e insanável no poder, isto é, uma insolvência psíquica. Insolvência significa, literalmente, a impossibilidade de liquidar a dívida e a culpa (solvere). (HAN, 2017a.)

## Considerações Finais

Em uma passagem da *Sociedade do Cansaço* (2017b., p.119), Han afirma com certa poesia e melancolia que “[...] estamos por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer”. Se esse é um diagnóstico que de fato tem se confirmado socialmente, cabe à Filosofia (mas não apenas) a tarefa de compreender as raízes desse esgotamento e os seus mecanismos de introjeção nos indivíduos que, mais do que aderir, reproduzem esses mecanismos de sujeição a um poder invisível e etéreo. É nesse sentido que a contribuição de Foucault na obra de Han se mostra certa: as relações de poder podem



se manifestar de forma bastante sofisticadas, de modo que os indivíduos, muitas vezes, se submetem e se sujeitam voluntariamente e com a ilusão da liberdade.

O importante passo que Han dá – ainda que ele talvez não possa ser ainda considerado um marco de inflexão na história da Filosofia, tal qual foi Foucault – é o de contextualizar essas novas formas de poder em uma sociedade marcada por novas tecnologias, novas configurações de trabalho e novas relações sociais. Tudo isso, segundo a ótica do autor, gera também novos indivíduos, que operarão sob uma também nova lógica. Daí a importância do conceito de *psicopolítica*.

Descortinado, então, um pouco desse mecanismo que nos esgota, a nossa missão, então, seria pensarmos em como resistir a ele e como superá-lo. O próprio Foucault aponta em sua obra que o poder cria subjetividades, mas cria também resistências. E Han, em diferentes momentos de sua produção, também vai propor algumas maneiras de nos colocarmos contra esse mecanismo. Mas esse é um campo ainda aberto e fecundo que merece nossa atenção. Se não estivermos cansados demais para isso.

## Referências

AMARAL, Mauriel Emídio Pessoa do. Byung-chul Han como elo interseccional entre Hannah Arendt, Giorgio Agamben e Michel Foucault. **Revista Filosófica São Boaventura**, v. 13, n. 2, jul/dez 2019.

BALOI, Jochua Abrão. As relações do poder segundo Michel Foucault e Byung-Chul Han: uma proposta de articulação para a análise da complexidade do poder local em Moçambique. **Revista Videre**, Dourados, v. 12, n. 23, p. 163-178, jan./abr., 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HAN, Byung-chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Agonia do Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.



\_\_\_\_\_. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017b. 2ª edição.

\_\_\_\_\_. **O que é poder?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. **Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020. 7ª edição.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **ICD-11: International Classification of Diseases 11th Revision**, 2018. Disponível em: < <https://icd.who.int/en> >. Acesso em 27/10/2022.

SINDIQUE, Claudio João. Diálogos entre Michel Foucault e Byung-Chul Han: Do Panóptico a Psicopolítica enquanto dispositivos de vigilância nas Cidades Contemporâneas. **Revista Opinião Filosófica**, v. 12, n. 2, 2021.

TAYLOR, Dianna (Org.). **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

